

Brusque Autoral

Memorial e incubadora para a música popular independente

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso | 2020.1
Acadêmica: Yasmin Luana Fischer
Orientador: João Paulo Schwerz, Prof. Dr.



_sumário

Introdução

1. Apresentação | *p.02*
2. Metodologia | *p.02*

Parte I

a cidade como espaço sensível

1. Arte, cultura e cidade | *p.04*
2. Cidades criativas: a cultura no desenvolvimento urbano | *p.05*

Parte II

Brusque: uma leitura cultural

1. Brusque/SC: do enxaimel ao rock | *p.06*
 - a. A Colônia Itajahy
 - b. A Vila de São Luiz Gonzaga
 - c. A Cidade do Tecido
 - d. A Capital do Rock no Sul
2. Pesquisa de demanda e mapeamento: o cenário musical brusquense na atualidade | *p.13*
3. Potenciais e fragilidades de Brusque sob o conceito de Cidade Criativa da Música | *p.15*

Parte III

proposta de projeto

1. Local de intervenção: lugar e memória | *p.16*
2. Objetivos e conceitos | *p.18*
3. Projetos referenciais | *p.19*
 - a. Cidade criativa da música | Austin, EUA
 - b. ARTAVE/CCM Music School | Aurora Arquitectos
 - c. The ArtsQuest Center at SteelStacks | Spillman Farmer Architects
4. Incubação musical: como funciona? | *p.20*
5. Memorial e Incubadora da Música Popular Independente de Brusque | *p.21*
 - a. O Partido
 - b. Implantação
 - c. O Programa
 - d. Uso e apropriação

Referências

1. Entrevistas e artistas colaboradores | *p.29*
2. Sites | *p.29*
3. Referências bibliográficas | *p.30*

_agradecimentos

A todos que de alguma maneira colaboraram para o desenvolvimento do presente Trabalho: desde amigos, familiares, produtores, músicos, historiadores e demais colaboradores que nutriram conversas, até os artistas que foram meu fundo sonoro durante todos esses meses.

Gratidão à banda Etílicos e Sedentos, pois essa ideia nasceu enquanto eu ouvia o álbum *“88350-000: Um Tributo ao Rock Brusquense”*.

Devo nomear ainda, em agradecimento especial, Luiz Deschamps e Carmelo Krieger, contadores apaixonados dessa maravilhosa história, tornando tudo possível.

Salve, Brusque Imortal!

“Se a música surgiu para fortalecer laços sociais e resolver conflitos, ela deve sua existência às emoções. Porque é exercitando ou aplacando emoções que estabelecemos relação com outros seres humanos.”

ROBERT JOURDAIN

em *“Música, Cérebro e Êxtase”*

_apresentação

Um caldeirão cultural moldado em torno de uma fusão de costumes trazidos pelos agentes colonizadores - principalmente alemães e italianos - deu luz à uma sociedade com práticas fortemente tradicionais durante toda a sua história, presentes e reconhecidas até hoje e que excluem de seu imaginário e também da bibliografia uma produção artística que nasce posteriormente por mudanças socioeconômicas de Brusque durante o período de industrialização: *a Capital do Rock no Sul*. Além disso, o centro fundacional de Brusque, que foi palco das mais diversas manifestações culturais e políticas da cidade durante toda sua história, tem hoje seus usos atrelados majoritariamente às atividades comerciais além de uma dificuldade de proteção de seu patrimônio histórico e memória.

O presente trabalho visa então ressignificar o espaço através da música ao resgatar a vitalidade urbana e memória de um centro fundacional através da cultura, em conjunto com a valorização e apoio à produção musical brusquense, mais especificamente a música popular independente enquanto movimento característico e em ascensão no cenário local e que tem raízes nesse processo histórico. Para isso, busquei entender como a música e o espaço urbano se constroem mutuamente ao longo do tempo e, mais a fundo, como a música autoral em Brusque desenvolve uma dinâmica no espaço urbano, abordando conceitos como imaginário, identidade e representatividade e também sua demanda atual. Assim, a proposta de projeto é resultado da união de cidade, memória e música.

“Toda a música é reflexo de uma época.”

TOM JOBIM



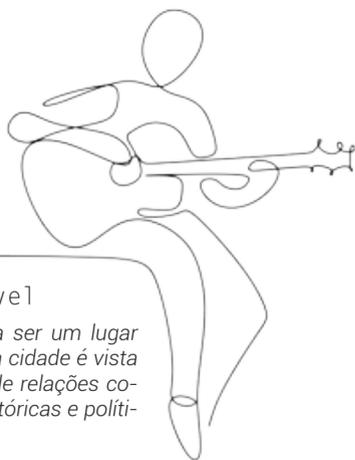
_metodologia

Em um primeiro momento, busco uma aproximação teórica com os conceitos inicialmente citados e depois a elaboração de uma contextualização histórica seguindo uma breve análise da História Cultural, de modo a entender a relação entre fatos históricos e artísticos e, também, diagnosticar potencialidades e fragilidades da cidade de Brusque/SC tomando como base as diretrizes e conceitos para Cidades Criativas da Música da UNESCO. Em um segundo momento, através de experiências pessoais, entrevistas e levantamento fotográfico, analiso o recorte específico da música autoral brusquense, suas características e como se insere nesse modelo de forma a fomentar o desenvolvimento social e urbano através da arte. Em paralelo, através da aplicação de um questionário, realizei um estudo de demanda de forma a entender as necessidades da produção da música independente e aproximar-me de estratégias espaciais que conectem a prática musical e as relações cotidianas - uma urbanidade criativa e que respeite as diversidades.

Parte I

A cidade como espaço sensível

"Através da arte, a cidade passa a ser um lugar de reflexão sobre o 'estar no mundo'. [...] a cidade é vista como um lugar de fluxo, de movimento, de relações coletivas, e de sobreposições e questões históricas e políticas." (CAMPBELL, 2015, p.21)

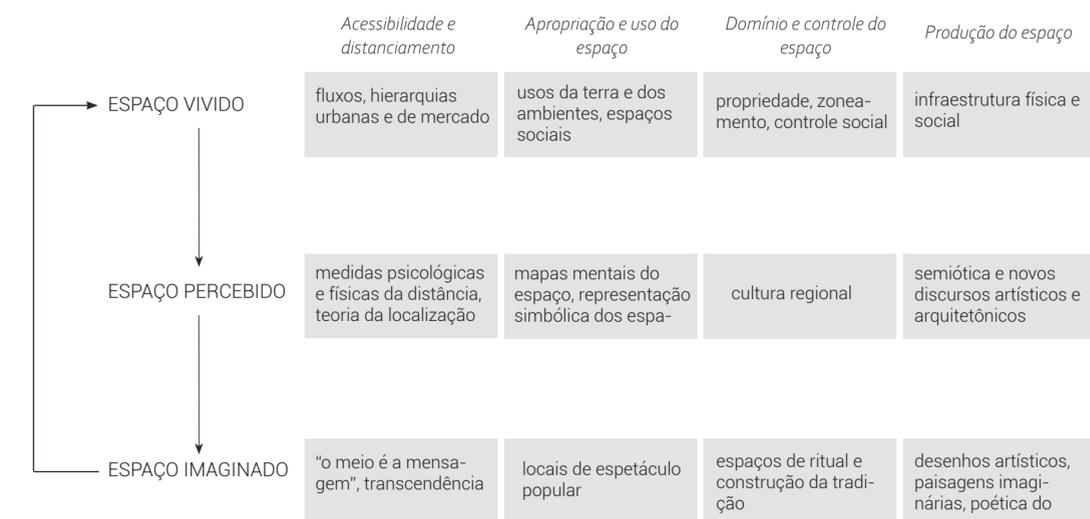


1 arte, cultura e cidade

Podemos entender cultura como "uma resultante coevolutiva que se estabelece entre o corpo e o ambiente e, este, como um conjunto de condições para que essas relações aconteçam" (BRITTO & JACQUES, 2008, p.82), portanto o processo de produção do espaço advém das relações humanas no espaço e a cidade como conhecemos hoje é resultado de um intenso processo de construção e desconstrução entre passado, presente e futuro.

Lefebvre (2000) identifica três tipos de espaço: o *vivido* e o *imaginado*. No *espaço vivido* se dão as práticas físicas do espaço. Esse é percebido por cada indivíduo de uma maneira diferente de maneira subjetiva que varia de acordo com sua própria formação social, crenças, etc, o que cria o *espaço percebido*. A arte e práticas culturais enquanto representações simbólicas do espaço *percebido* (que é subjetivo) dão a ele um significado, o que cria o espaço *imaginado* ou espaço de *representação*, que é a concretização ou expressão da maneira como os seres humanos percebem o espaço *vivido*. A função da arte e seu valor estariam nessa representação simbólica e, por isso, a arte se manifesta diferentemente em cada cultura, pois variam os valores, as práticas e as identidades (FISCHER, 1987). Esse imaginário e invenções mentais podem conceber novos usos ou práticas materiais ao *espaço vivido* inclusive questionando-o, e então a cadeia se reinicia, concluindo que os três tipos de espaço se influenciam mutuamente. Assim, a cidade pode ser vista como palco de produção de significados, identidades e imaginários.

Pesavento (2005) define imaginário como um sistema de ideias e representações que os homens utilizam para dar sentido ao mundo. Esse imaginário é composto por sensibilidades que apresentam-se como uma forma dos indivíduos de perceber o mundo e traduzir essa realidade através das emoções e dos sentidos.



Esquema: Influências das práticas físicas e subjetivas no espaço físico e imaginado adaptado pela autora a partir da tabela original "Uma grade de práticas espaciais" (HARVEY, 1992, p. 203)

2_cidades criativas: a cultura no desenvolvimento urbano

Em outras palavras, podemos entender arte e cultura como uma forma de sociabilidade e expressão cultural e também reconhecer seu poder de transformação e democratização do espaço público, através de sua influência na subjetividade coletiva e individual.

Na atualidade a arte deve assumir sua função transformadora capaz de incitar à ação crítica e emancipar indivíduos e isso pode ocorrer através do estímulo ao uso e permanência dos espaços públicos, fomentando canais de fruição e produção de arte (Sahão, 2014), sendo um meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo e para a circulação de experiências e ideias (FISCHER, 1987), ou seja, a arte como um elo social. A atividade artística pode, ainda, ser formadora de grupos associados não só geograficamente, mas também emocionalmente, constituindo uma quebra nos limites de diferentes territórios.

"A cidade é lugar em que o fato e a imaginação simplesmente têm de se fundir." (RABAN apud HARVEY, 1992, p.17)

A atividade artística ganha um papel fortalecedor na identidade e também no reconhecimento das particularidades das cidades, podendo ser associada a estratégias de desenvolvimento urbano (UNESCO, 2017). Percebendo-se o espaço urbano como espaço público, é possível lançar um olhar sobre a cidade enquanto um espaço sensível às manifestações de diferenças, à igualdade e inclusão social, à expressão cultural e às mudanças constantes através da produção coletiva do espaço.

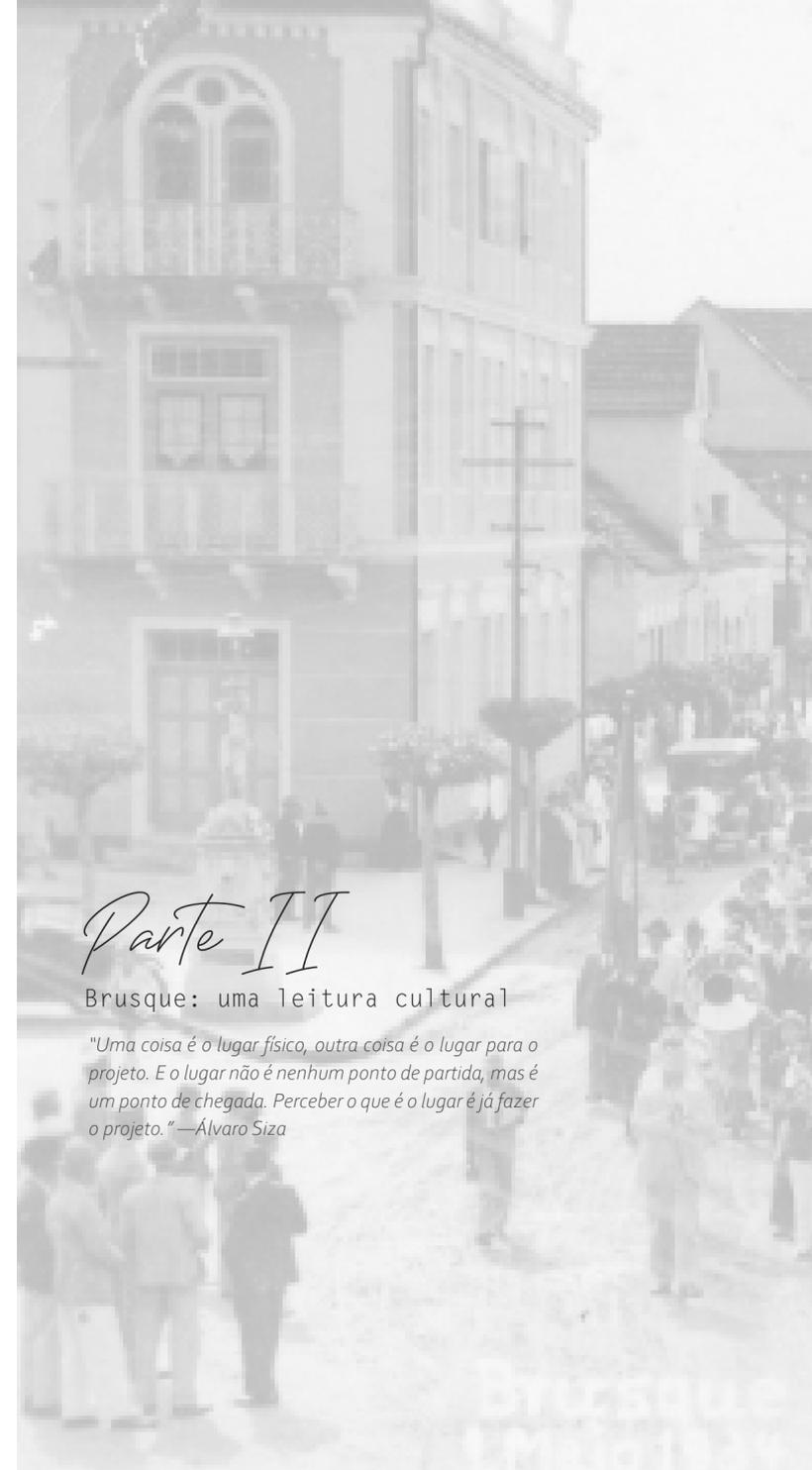
Milton Santos (1994) já definia as "ligações verticais" como uma maneira de relação entre cidades através de processos sociais, independente da distância física entre elas. Dessa forma, entendendo a arte como um processo social, evidencia-se a capacidade de uma cidade de conectar-se a uma rede e desenvolver-se através de sua produção artística ou da sua expressividade cultural. A Rede de Cidades Criativas da UNESCO é um exemplo. Foi criada em 2004 para promover a inclusão e cooperação entre cidades que identificaram a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento urbano sustentável. As cidades que compõem essa rede trabalham juntas em direção a um objetivo comum: priorizar a criatividade e as indústrias culturais em seus planos de desenvolvimento no nível local e cooperar ativamente no nível internacional. A Rede abrange sete áreas criativas: artesanato e artes folclóricas, artes midiáticas, cinema, design, gastronomia, literatura e música.

Ao integrar essa rede, as cidades aceitam alguns compromissos, dentre eles:

Desenvolver polos de criatividade e inovação;
Ampliar oportunidades para artistas e profissionais do setor cultural;
Melhorar o acesso e a participação na vida cultural, em particular para grupos e indivíduos marginalizados ou vulneráveis (UNESCO, 2010).

Para a UNESCO, priorizar a cultura nas políticas de desenvolvimento constitui um investimento essencial no futuro do planeta e também uma pré-condição para processos de globalização bem-sucedidos que levem em consideração a diversidade cultural. Ela "*prepara o caminho para um desenvolvimento centrado nos seres humanos, inclusivo e equitativo. Nenhum desenvolvimento pode ser sustentável sem esses valores.*" (UNESCO, 2017).

Uma Cidade Criativa pode ser definida como um território culturalmente e economicamente favorável à liberação da criatividade de seus habitantes (DINIZ & MENDES, 2015). Ao entender a cidade como espaço de construção social, a busca pela potencialização dessa capacidade criativa mostra-se um fator importante para o desenvolvimento humano. Assim, é importante compreender quais as condições e características de um espaço urbano que impulsionam a criação, prática e difusão dessas atividades criativas, enquanto característica intrínseca ao local.



Parte II

Brusque: uma leitura cultural

"Uma coisa é o lugar físico, outra coisa é o lugar para o projeto. E o lugar não é nenhum ponto de partida, mas é um ponto de chegada. Perceber o que é o lugar é já fazer o projeto." —Álvaro Siza



1_Brusque/SC: do enxaimel ao rock

No processo projetual, os traçados devem valorizar a expressividade e a inter-relação, pois a cidade é conformada por camadas - históricas, de memória, de diferenças, culturais, físicas, etc. Para isso, devemos compreender a natureza do lugar e percebê-lo como resultado de fatores sociais, econômicos e políticos de formação da cidade (MONTANER & MUXI, 2014)

É na busca das relações humanas com o espaço que adentra-se ao conceito de História Cultural: tudo que tem laços simbólicos integrados a um laço de códigos definido como "cultura" está passível de ser investigado dessa maneira, ou seja, é possível decifrar realidades por meio de suas representações pelas quais os homens expressam a si mesmos e ao mundo (PESAVENTO, 2005). A partir da história cultural, é possível decifrar os imaginários dos sujeitos que agem sobre o espaço e como foram formados.

Dessa forma, é possível relacionar a dinâmica humana no espaço - nesse caso, a cidade - para entender a formação das relações culturais e da produção artística - um modo de expressão da sensibilidade e identidade - e também identificar modos de potencializá-las e relacioná-las com o desenvolvimento urbano.



A cidade de Brusque localiza-se na mesorregião do Vale do Itajaí, no Norte do estado de Santa Catarina e conta com uma população estimada em torno dos 130.000 habitantes (IBGE, 2019).



Expressão Cultural

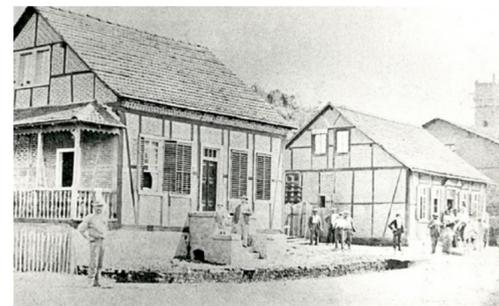
Ao referir-se à colônia Itajahy-Brusque como "melting-pot do Vale do Itajaí-Mirim", o historiador Ayres Gevaerd (1960) relata a mistura cultural que viria a ser a cidade, marcada por uma costura de tradições onde predomina a italiana e a alemã. Essa última trouxe consigo a tradição do tiro ao alvo com a fundação da Sociedade de Atiradores - em 1866 - e a musical, sobretudo com a formação de conjunto de sopros, conforme aponta pesquisa pessoal de Aldo Krieger.

Os primeiros conjuntos musicais surgiram poucos anos após a fundação da Colônia, formados principalmente por trabalhadores que se dedicavam à música nas horas vagas. A partir de então, os conjuntos e associações de cantores - outra forma musical muito comum de origem alemã - passaram a ser utilizados como passatempo, lazer e recreação na vida colonial. Alguns exemplos são o 1º Conjunto de Sopros e o Orthmänner Kappelle (KRIEGER, 1960).

Fundada em 1860 como parte da política de povoamento do Sul do país, a colônia Itajahy passa a abrigar imigrantes das mais variadas nacionalidades: alemães, poloneses, ingleses e franceses se instalaram nas áreas planas do vale do Rio Itajaí-Mirim e mais tarde italianos ocuparam os lotes remanescentes e menos favoráveis à agricultura, principalmente na região de relevo acidentado que mais tarde se emanciparia e passaria a ser o município de Nova Trento (NIEBUHR, 2012).

O centro urbano da cidade, também a Sede das Colônias por sua localização estratégica no vale, resulta de uma "absorvente influência de grupos originários germânicos que plasmaram uma atmosfera cultural identificadora", conforme consta no Álbum do Centenário de Brusque (1960).

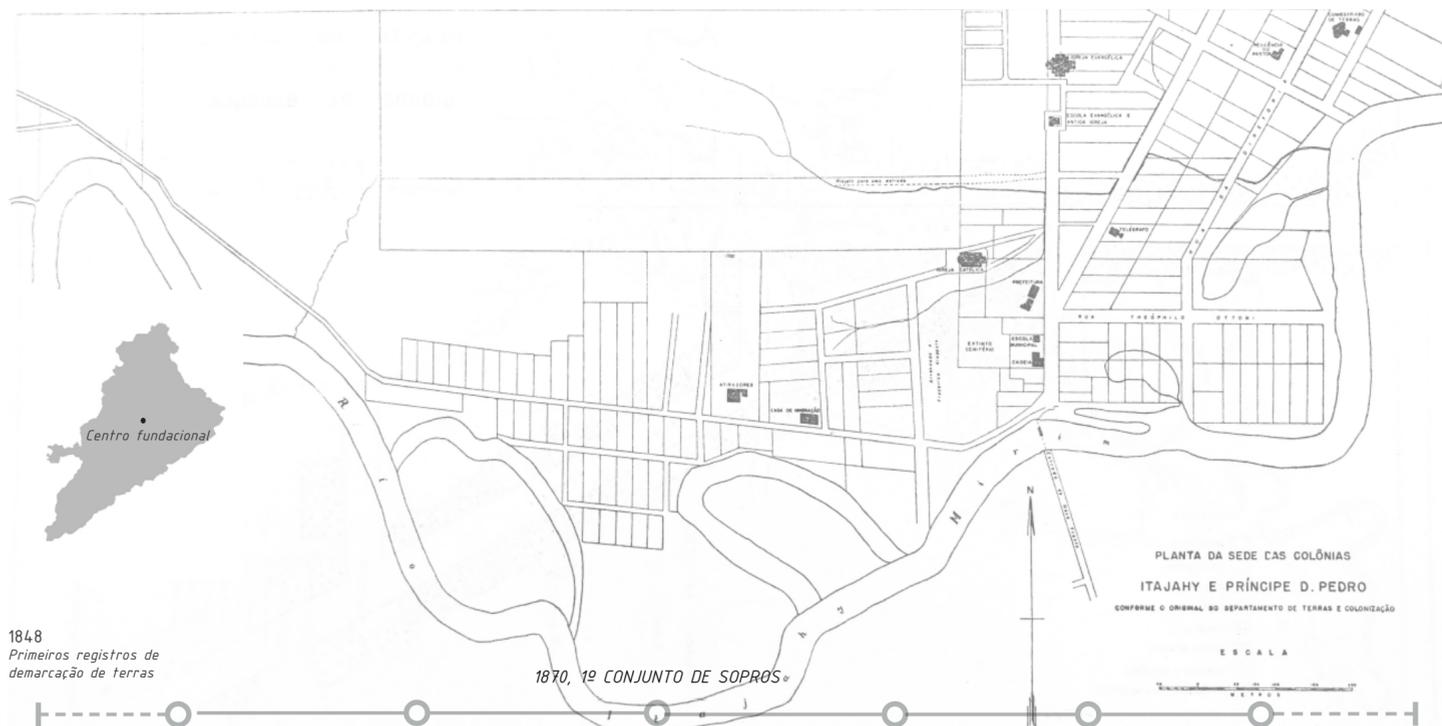
As atividades desenvolvidas na época giravam em torno de atividades extrativistas e da agricultura, que aos poucos alimentavam e desenvolviam o comércio na sede da colônia - instalaram-se então, as primeiras casas comerciais. Uma morfologia urbana comum era a presença de núcleos coloniais que se conectavam à Sede por uma rede de estradas.



Arquitetura enxaimel
fonte: acervo online Brusque Memória



Sociedade dos Atiradores, déc 1900
fonte: Álbum do Centenário de Brusque



1848
Primeiros registros de demarcação de terras

1860, FUNDAÇÃO DA COLÔNIA
Chegam os primeiros imigrantes. Alemães, em maior número, trazem consigo a tradição musical e do tiro ao alvo.

1866, FUNDAÇÃO SOCIEDADE DE ATIRADORES
Inicia a história da mais antiga e tradicional sociedade de Brusque

1870, 1º CONJUNTO DE SOPROS

1874, FREGUESIA DE S. L. GONZAGA
Desmembramento da Colônia Itajahy, forma-se a freguesia de São Luiz Gonzaga.

1875, IMIGRANTES ITALIANOS
Chegada dos imigrantes italianos, instalando-se em terras mais íngremes, longe da sede e menos proveitosas para a agricultura.

1881, ELEVAÇÃO À CATEGORIA DE MUNICÍPIO
A freguesia passa a ser denominada de Vila.

A VILA DE SÃO LUIZ GONZAGA

1890, 1ª INDÚSTRIA TÊXTIL
É fundada a fábrica de tecidos Renaux
SOCIEDADE DE CANTORES BRUSQUE

1892, O MUNICÍPIO PASSA A SE CHAMAR BRUSQUE

1903, NASCE ALDO KRIEGER
Grande maestro e compositor brusquense, leva a música brusquense a nível nacional e impulsiona ao ensino da música na cidade, introduzindo-a nas escolas e posteriormente no Conservatório. Apresentou grande atuação em Florianópolis, onde passou seus últimos anos de vida.

1910, ELEVAÇÃO À CONDIÇÃO DE CIDADE
Os avanços da industrialização e a prosperidade econômica da cidade culminam na criação das Sociedades, impulsionando a vida cultural

1910, GRUPOS MUSICAIS
Pequena orquestra de câmara; Coro Católico; Banda Musical Concórdia; Banda Musical Liberdade; Sociedade de Cantores; Conjunto Serenata; Sociedade de Cantores Concórdia

1920, GRUPOS MUSICAIS
Sociedade Musical Concórdia; Schola Cantorum; Jazz Band Chopp com Rosca; Jazz Band America

1928, NASCE EDINO KRIEGER
Filho de Aldo Krieger. Grande compositor brasileiro, um dos criadores da Orquestra Sinfônica Nacional

Expressão Cultural

Na década de 1890, seguindo a tradição alemã, é formada a Sociedade dos Cantores Brusque (Gesangvereinsängerbund), que apresentava também peças de teatro exclusivamente na língua alemã. Ela seguiria suas atividades por muitas décadas até a proibição da língua alemã durante a Era Vargas, na política nacionalista (KRIEGER, 1960).



Sociedade de Cantores Brusque
fonte: Álbum do Centenário de Brusque



Centro fundacional, 1915
fonte: acervo online Brusque Memória

Em 1874 ocorre o desmembramento das colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro - que compreendiam os atuais municípios de Brusque, Guabiruba, Vidal Ramos, Presidente Nereu e Nova Trento, formando assim a Vila de São Luiz Gonzaga, que ganha a condição de município e muda seu nome, em 1892, para Brusque - homenagem à Francisco Carlos de Araújo Brusque, presidente da província que acompanhou o primeiro grupo de imigrantes até o porto às margens do Itajaí-Açu (ADAMI & ROSA, 2005 apud ANJOS, 2019).

A TRANSIÇÃO PARA UMA CIDADE FABRIL

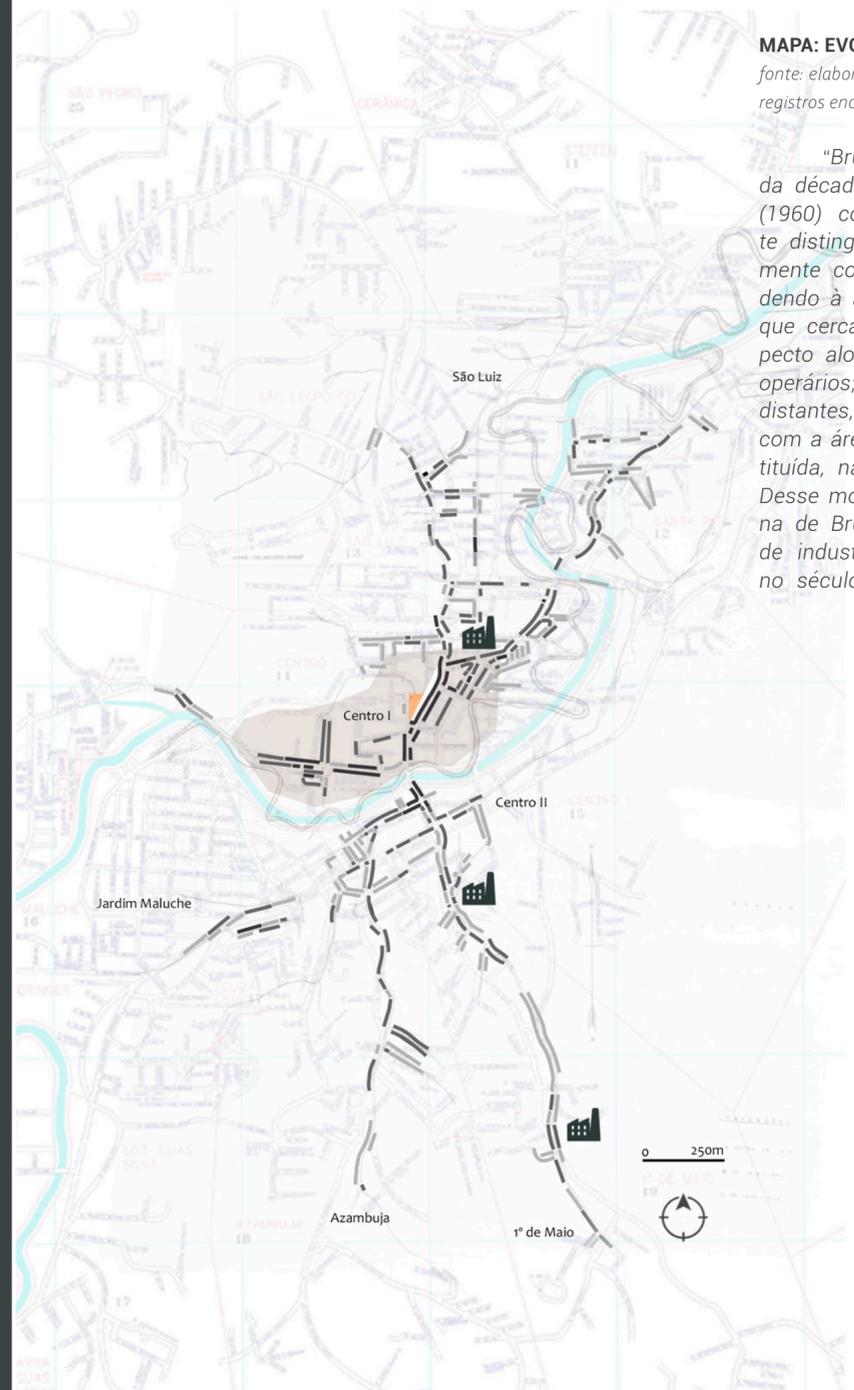
Na década de 1890 surgem as primeiras indústrias têxteis, possíveis graças ao enriquecimento dos donos das casas de comércio, que puderam investir nos primeiros teares e instalações de suas fábricas, a pioneira sendo a de Carlos Renaux.

A partir desse momento surge a figura do *colono-opeário* e um novo tipo de formação urbana: os *subúrbios-próximos* e os *subúrbios-colônia*. Os colonos dividiam-se entre o trabalho na lavoura e o trabalho fabril e as propriedades agrícolas fragmentaram-se gerando grandes zonas suburbanas em torno das fábricas (S.A.B., 1960). A partir da década de 1910, Brusque ganha a condição de cidade. A industrialização, por desenvolver-se em um ritmo lento gerou esse traçado característico que revela uma mistura de rural e urbano.

MAPA: EVOLUÇÃO URBANA DE BRUSQUE

fonte: elaborado pela autora partir de documentos e registros encontrados no Museu Casa de Brusque

"Brusque se apresentava, em meados da década de 1940, segundo Mamigonian (1960) com três elementos perfeitamente distinguíveis: um núcleo central, nitidamente comercial e residencial, correspondendo à antiga vila colonial; os subúrbios, que cercavam este núcleo central, de aspecto alongado, habitados na maioria por operários; e, por último, os subúrbios mais distantes, que acabavam se confundindo com a área rural, cuja população era constituída, na maioria, por colonos-operários. Desse modo, boa parte da expansão urbana de Brusque esteve ligada ao processo de industrialização do município, iniciada no século XIX." (BONAMENTE, 2002, p.255).



LEGENDA

- Fábrica Têxtil (até 1960)
- Atual praça Barão de Schnéeburg
- Aglomerado sede (1860)
- Lotes ocupados antes de 1918
- Lotes ocupados entre 1918 e 1942
- Lotes ocupados entre 1942 e 1960

Expressão Cultural

Assim como a expansão urbana, a vida cultural brusquense também foi influenciada pelo processo de industrialização da cidade. Em levantamento realizado em documentos do museu Casa de Brusque e acervo fotográfico online do site Brusque Memória, em setembro de 2019, percebe-se uma efervescência cultural a partir da criação das Sociedades brusquenses, tais como a S.E. Bandeirante (1906) e a S.E. Paysandú (1910), que coincide com o período de estabelecimento das primeiras fábricas têxteis (década de 1890) e a elevação de Brusque à condição de cidade na década de 1910.

Portanto, essa explosão na vida cultural pode ser visto como consequência do surgimento de classes sociais mais abastadas: é vista a presença de grandes nomes da indústria têxtil nas comissões administrativas das sociedades e muitas vezes até nos cargos políticos (SAB, 1960). Isso mostra que estes também cultivavam o interesse pela vida social, utilizando-se de seu capital para promover bailes, patrocinar desfiles cívicos e também desenvolver a cultura do esporte. O enriquecimento da cidade através da industrialização fortaleceu as práticas artísticas e multiplicou o número de festividades, o que gerou demanda e a criação de um grande número de novas bandas musicais, principalmente as *jazz bands*, de formação instrumental característica alemã, mas que, apesar do nome, não tocavam jazz, mas sim marchinhas e chotes (KRIEGER, 2019). Alguns exemplos são as jazz bands America, Além disso, Brusque foi uma cidade pioneira no cinema, onde conjuntos musicais animavam o cinema mudo.



Antiga sala de cinema do Cine Gracher, não danado

fonte: acervo online Brusque Memória



Festividade na praça B. de Schnéeburg, déc. 1950. Ao centro da foto localiza-se o prédio do Conservatório e a primeira Casa de Comércio de Brusque, da família Krieger

fonte: acervo online Brusque Memória



Inauguração da Praça B. de Schnéeburg, 1951

fonte: acervo online Brusque Memória



Aldo Krieger comemorando seu aniversário com alunos no Conservatório de Música de Brusque

fonte: acervo Instituto Aldo Krieger



Visão aérea do centro fundacional, déc. 1950

fonte: acervo online Brusque Memória

1930, GRUPOS MÚSICAIS
Banda Guabiruba; Banda Peterstrasse; Ideal Jazz Band; Associação recreativa musical Brusque; Orfeão evangélico de Brusque

1954, CRIAÇÃO DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE BRUSQUE
Iniciativa do maestro e compositor brusquense Aldo Krieger, após contato com o músico Vila-Lobos. Instituição filiada ao Conservatório Nacional sediado no Rio de Janeiro

1960, O CENTENÁRIO
Festividades do centenário. Após isso, declínio na atividade artística. Uma provável causa pode ter sido a crise econômica de 1960

1970, MÍDIA DE CONTRACULTURA
Chega em Brusque a influência do jornal Cogumelo atômico e do Contracorrente, liderado por Claudia Bia e Luis Brusque. Esses meios de comunicação alternativos traziam informações sobre música e contracultura que ocorreriam no resto do país e até no mundo

1972, CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICO CULTURAL DE BRUSQUE (ASSAC)
Herdou instrumentos e outros equipamentos do Conservatório de Música, após sua extinção. Iniciou suas atividades em antiga sede da prefeitura, em frente à praça Barão de Schnéeburg

Expressão Cultural

Em comparação a outros nichos culturais como o teatro e o cinema, por exemplo, percebe-se que a música teve e tem uma participação efetivamente maior na cultura e vida da cidade de Brusque/SC - o que sugere o surgimento de uma vocação musical, sendo berço de grandes músicos ou compositores como Aldo Krieger, Edino Krieger e Bruno Moritz. Nesse cenário

"o ensino da música virou um conhecimento fundamental para as crianças e [...] Brusque passou a ostentar a cultura musical como uma de suas grandes características." (NIEBUHR, 2012).

Em entrevista realizada em 23 de setembro de 2019, Carmelo Krieger - filho de Aldo Krieger - explicou que o apogeu da vida cultural de Brusque foi durante as festividades do Centenário da cidade, em 1960. Após isso, "houve um declínio e uma perda de interesse na vida cultural", conta. Isso se confirma no levantamento de manifestações artísticas: na música, assim como nas outras artes os registros decaem. É também nessa década obscura que o Conservatório fecha suas portas. Na década seguinte o jornal alternativo *Cogumelo Atômico* chega à cidade, e unindo-se a características da vida operária e industrial fizeram explodir na cidade uma nova tradição musical: o *rock*. Na verdade, as manifestações musicais talvez não tenham decaído, mas apenas mudado de ramo - a contracultura.





Foi na década de 1980 - em paralelo à consolidação do rock nacional e na década de criação do Rock in Rio - que a influência e ideal do movimento punk inglês atinge a cidade de Brusque, principalmente através da evolução das mídias radiofônicas que trouxeram influências como Ramones e Sex Pistols aos jovens da pequena cidade. As mídias de contracultura circulavam pelo país, carregando seu ideal revolucionário: "o Cogumelo Atômico, por exemplo, era um veículo de comunicação independente que circulava por vários nichos brasileiros de arte underground, sempre com um caráter muito crítico a toda essa sociedade de consumo." (DESCHAMPS, p.01, 2019).

Em Brusque, o rock foi um meio de expressão encontrado pelos jovens da época - principalmente filhos de operários - como resposta aos problemas que encontravam em sua realidade social, gerados pelas transformações do processo de industrialização.



Documentos do movimento BQ80
fonte: Exposição BQ80 "Quando Brusque foi capital do rock no Sul"



TRECHO DO RELATO O nascimento do "ambiente criativo místico"

por Luiz Deschamps



Em palestra ocorrida em Outubro de 2019 no Centro Integrado de Cultura de Florianópolis, Luiz Deschamps explicou a relação do rock brusquense com a realidade urbana da época. Para ele, o que mais enriquecia o movimento era seu caráter crítico, que se dava por bandas locais que falavam sobre os problemas e a realidade "da sua própria aldeia", o que o caracterizava como um momento inédito na música catarinense. Também retrata a realidade de um grupo excluído de jovens que não cabiam no modelo da época, onde tudo voltava-se a manter o operário em seu devido lugar, a educação era voltada para a indústria da tecelagem e a única opção para muitos era ser operário.

"A gente começou a sobrar na comunidade: sofríamos preconceito, desigualdade social, bullying [...] Quem queria ser músico na cidade naquela época poderia apenas se candidatar a uma grupo musical de escola, mas a gente não cabia nesse modelo, não tínhamos dinheiro nem para comprar aquele uniforme."

O caldeirão místico estava formado - descontentamento, revolução, criatividade e tédio: assim surgiram as primeiras bandas de rock brusquense.



_música do povo, para o povo

A música rock, segundo Friedlander (2002), é um estilo musical que surgiu de jovens e feita para jovens, surgida principalmente dos problemas do espaço urbano e das mudanças sociais após o segundo pós-guerra e em meio a cidades industriais, através do surgimento de uma geração que "rejeita o conformismo e se recusa a assumir o papel de continuadores da sociedade estabelecida" (MUGGIATI, 1981, p. 23).

O surgimento do rock é resultado da expressão dessa busca pela revolução. Os ideais difundidos por essa música são relevantes para o entendimento e explicação da visão de mundo e valores de um grupo social, passando a assumir, portanto, a forma de um fenômeno social, através da problematização de valores, fortificação de identidades e inclusão, crítica social e política através da expressão humana da realidade urbana.

Muitos sub-gêneros e movimentos nasceram, dentre eles o punk rock, principal influência do movimento musical brusquense.

_música popular

música do povo, feita para o povo

_música independente

quando o artista produz seu próprio conteúdo, de maneira desvinculada de grandes gravadoras ou do mainstream artístico

_rock (gênero musical)

tem origem na cultura negra e está aliado a movimentos de luta e expressão social

"Nosso problema é universal: como encontrar a paz numa sociedade hostil. E queremos exprimir esta busca através da música, pois ela é a nossa voz mais eloquente."

Eric Clapton



De onde vem o rock?

O rock vem das mesmas raízes que geraram o blues, o jazz, o country, dentre outros estilos musicais aliados à luta e expressão, algumas como formas musicais regionais, outras de expressão da exclusão social ou racial. A união desses estilos de raízes folclóricas aliada às novas tecnologias, como o rádio, o LP e novos instrumentos musicais elétricos e formas de amplificação do som, resultou na música rock. Dentro do nicho da contracultura, os músicos de rock surgiram para denunciar a tragédia do Século da Revolução (MUGGIATI, 1981).

Música e união

Maffesoli (1998) identifica uma diferença entre a formação de grupos sociais ligados ao campo geográfico - as sociedades territoriais - e ao campo emocional - as sociedades emocionais. Para ele, as comunidades emocionais formam-se a partir da identificação entre indivíduos em torno de determinado sentimento e/ou gosto em comum, não necessariamente conectadas a um mesmo território geográfico, mas sim a um imaginário. Assim, a música enquanto modo de comunicação e expressão, é considerada por muitos sociólogos como uma aglutinadora de pessoas, formando relações neotribais.

2 Pesquisa de demanda e mapeamento

O CENÁRIO MUSICAL BRUSQUENSE NA ATUALIDADE

O BQ80 caracterizou-se como um movimento ideológico e musical na cidade, servindo como um estopim para a multiplicação das bandas de rock e formação de grupos musicais, principalmente no setor autoral. Assim como surgiu rapidamente, também chegou ao seu fim, juntamente com o fechamento dos principais locais onde ocorriam os shows na época, como o Bar Amarelo Vinte. Por outro lado, a partir da década seguinte algumas bandas começam a escrever músicas próprias, incentivadas também pela criação do festival Rock na Praça. Forma-se então uma reação em cadeia: influências entre músicos e um ambiente criativo de algum modo fazem a produção musical ressurgir, juntamente com novas formações ou reformulações de bandas anteriores, porém agora com características sonoras próprias.

"Brusque tem uma cena musical forte, e se tratando do rock um exemplo é o BQ 80. Desde então sempre tivemos grandes bandas na cidade, em épocas diferentes, que lembram aqueles tempos e dão sequência ao 'movimento', mas de uma forma diferente, criando uma nova cena com novas identidades adaptadas aos tempos de hoje e, acredito que se continuar assim, futuramente, assim como o BQ 80, a cena atual vai ser uma inspiração por ter uma história com identidade própria, mas que traz o legado do rock brusquense que começou com o BQ 80."

Músico anônimo
Os Palitos

"Isso mostra que Brusque tem tradição no rock de garagem e percebemos que o público vem no Rock na Praça e curte o som e começa a seguir e perceber a qualidade do som"

Em entrevista para o jornal
O Município
Gabriel Zambiazzi



MAPA: POR ONDE ANDA A MÚSICA POPULAR BRUSQUENSE?

fonte: elaborado pela autora a partir dos locais frequentes de apresentação apontados pelas bandas autorais. Amostra: 14 bandas autorais de Brusque responderam o questionário, diante de um total de 22 mapeadas.

As apresentações acontecem desde locais públicos - principalmente praças ou palcos abertos - até em pubs na cidade que abrem suas portas, reconhecendo a qualidade e força da música autoral brusquense, alimentando a cena local. O percorrer no espaço urbano intensifica a descoberta das bandas pelo público e também a fortificação do movimento.

52,4%
ESTÁ ENTRE OS 20 E 25 ANOS DE IDADE

61,9%
FOI AUTODIDATA NA MÚSICA

público-alvo

Conclui-se que os locais mais utilizados pelos artistas para apresentação coincidem com o local de realização eventos e festivais, como Rock na Praça, que já passou por vários locais a cidade e atualmente ocorre no Pavilhão da Fenarreco, e o Ensaio Aberto, iniciativa do Instituto Aldo Krieger. Reforçando a importância dos espaços públicos para o movimento. No que diz respeito aos festivais, o Rock na Praça, por exemplo, é um importante festival que surgiu no fim da década de 1990 e atualmente é organizado pela Fundação Cultural de Brusque.

Através dos anos as bandas cover foram completamente substituídas por bandas totalmente autorais, o que o transformou em um principal evento de divulgação da produção local e fortaleceu o movimento, conectando as bandas, que cooperam entre si, e promovendo a criação de um público fiel - dois fatores que são apontados pelos músicos consultados como primordiais para a cena musical em questão. Essa cooperação fez com que surgissem outros festivais independentes organizados pelos próprios músicos e apoiados pelo público, muitas vezes patrocinado por lojas de música ou estúdios locais - pode-se citar o Keep Rocking, Brusque Rock City, Experiência na Calçada e Tobias Blues Sessions, por exemplo.

"A maioria dos espaços que são criados para uma apresentação ou pra alguém ter contato com a sua música são realizados através do apoio muitas vezes de outras bandas. Uma banda promove um festival, faz o evento acontecer e te chama pra tocar, por exemplo. Dificilmente ocorre em grandes casas de eventos."

Músico anônimo
Morenas Alguís

Percebe-se a criação de uma rede de músicos, uma comunidade musical. Durante a evolução do rock em geral, principalmente nos seus vários subgêneros, acontece a formação de comunidades emocionais, como aponta Maffesoli (1998), através de bandas e seus seguidores e também de uma rede de sociabilidade através dos encontros e relações harmônicas entre músicos e o público.

Para Abramo (1994) esses grupos dinamizam novos modos de uso da cidade e produzem campos de reconhecimento, criando elementos de identificação própria. Essas relações percorrem o espaço urbano de maneira fluida e o transformam em um verdadeiro espaço de representação. Isso pôde ser observado no cenário musical brusquense durante o movimento BQ80, conforme descrito por Luiz Deschamps, e depois novamente no cenário atual. Em pesquisa de campo realizada com as bandas autorais de Brusque em Novembro de 2019, todos os músicos participantes citam o apoio mútuo entre as diversas bandas como fator primordial no sucesso do movimento como um todo, desde a criação de festivais alternativos como troca de conhecimentos e experiências, dentre outros.

"Sempre existe uma troca de ideias quando há o contato entre as bandas. Nessa troca de ideias se aprende o que mudar e o que melhorar, além de se ter um feedback quanto ao som e uma ampliação de possibilidades de lugares pra tocar, fazer eventos, comprometimento entre si."

Músico anônimo
Lost Pines

MÚSICA INDEPENDENTE

Como pode-se perceber até aqui, uma característica marcante do cenário atual é a produção independente - a cultura do "faça você mesmo", que consiste em trabalhar para construir sua própria carreira e produzir seus próprios álbuns e shows, sem relação com grandes gravadoras, o que é possibilitado e fortalecido pela relação de amizade e troca de conhecimento entre as bandas.

Ainda sobre a pesquisa, os artistas apontaram a falta de espaços adequados, dificuldades financeiras e a desvalorização da produção local como principais dificuldades de se fazer música na cidade.

A música brusquense caracteriza-se como um movimento fluido, que se desenvolve conforme a possibilidade do uso dos espaços da cidade e as oportunidades que dela surgem, uma luta por espaço e expressão geralmente percorrendo espaços públicos ou locais que abram as portas para abrigar o movimento. Dessa forma, não é cabível limitar o rock a teatros ou espaços institucionalizados de arte, uma vez que ele é entendido como um movimento e uma forma de expressão urbana e popular, carregado de elementos simbólicos e ideais advindos do próprio ambiente citadino.



Principais estúdios de gravação utilizados pelas bandas

fonte: elaborado pela autora

3 Potenciais e fragilidades de Brusque sob o conceito de Cidade Criativa da Música

Fatores potencializadores de atividades musicais no meio urbano (DINIZ & MENDES, 2018)
a. Forte presença de associações culturais e musicais
b. Existência de vinculações entre atividades musicais e as relações sociais, comunitárias e familiares nas cidades
c. Presença de uma política pública para a área, com diretrizes, investimentos, projetos e ações que valorizem as atividades culturais e musicais
d. Participação social nas referidas políticas e existência de conselhos municipais para a área, com participação da sociedade civil e associações culturais e musicais
e. A administração local e grande percentual de habitantes identificarem a imagem e dinâmica da cidade vinculada às atividades musicais
f. Correlação das atividades musicais com as dinâmicas e paradigma da economia do conhecimento, valorização de patrimônios culturais e memória coletiva e investimento em manifestações musicais de ruptura e vanguarda
g. Presença de observatórios, escolas, universidades, centros de planejamento e realização de estudos e pesquisas sobre as atividades musicais na cidade
h. Conjuntamente a existência de políticas públicas e investimentos em instituições para a formação e difusão musical, ressalta-se a importância da manutenção e salvaguarda de espaços que não podem ser alvo de programação metódica, já que são propiciadores de encontros fortuitos informais, improvisos, resistência e inventividade.
i. Existência de espaços de interação social e encontro de diversidade
j. Fatores históricos e de formação territorial (Para além das relações históricas com as atividades musicais propriamente ditas, todas as cidades analisadas apresentaram centralidades econômicas ou demográficas em algum momento de sua formação ou eram pontos de rotas comerciais ou encontro de culturas.)

Critérios estabelecidos pela UNESCO para as Cidades Criativas da Música (UNESCO, 2005)
a. Existência de reconhecidos centros para atividades musicais e criações musicais
b. Tradição em promover festivais e eventos musicais
c. Promotores da indústria musical, independentes e tradicionais
d. Conservatórios, escolas, universidades e instituições de educação secundária
e. Educação informal de música, corais amadores, orquestras e outras formas não institucionalizadas de música
f. Local de nascimento, residência e trabalho de músicos e compositores
g. Plataformas nacionais e locais para gêneros particulares de música
h. Construção de instrumentos musicais e centros de distribuição
i. Promoção de música folk e tradicional e seus artistas
j. Inspiração para músicos e compositores
k. Espaços culturais para shows de música e entretenimento, tais como praças, jardins e auditórios ao ar livre

Potenciais

Tradição em promover festivais e eventos musicais e presença de promotores de eventos e da Fundação Cultural, com estudos e incentivo à música local.

Muitas escolas da cidade já integram o ensino musical ao currículo, também com incentivos à aulas extracurriculares de música. Também nota-se grande presença de escolas de música especializadas na cidade.

As formas não institucionalizadas de música são muito marcantes na cidade

Foi local de nascimento e formação de músicos e compositores

Luta da produção independente, como é o caso do rock brusquense

Para o fim de identificar e auxiliá-la na classificação uma Cidade Criativa da Música, a UNESCO apresenta uma tabela de critérios a serem analisados (Tabela 01). Com base nisso, um estudo comparativo realizado em diversas cidades identificou fatores potencializadores das atividades musicais no meio urbano (Tabela 02) (DINIZ & MENDES, 2018). Analisando as duas tabelas em conjunto, obtemos importantes parâmetros investigativos para a compreensão da relação entre cidade e música e para identificação e estruturação de cidades com destacadas centralidades criativas e musicais. No caso de Brusque/SC, conforme descrito historicamente e também observado nos dados atuais levantados, os fatores identificados foram classificados em potenciais e fragilidades.

Fragilidades

Os espaços públicos são muito utilizados para eventos musicais na cidade, porém ocorrem apenas de maneira sazonal com estruturas temporárias dos festivais ou eventos.

Existem estúdios e teatros, porém essas estruturas físicas para a criação musical e apresentações é insuficiente e/ou não se integra. Também não se adequam a certos estilos musicais.

A imagem e dinâmica da cidade ainda não é vinculada às atividades musicais, embora seja um setor muito presente na tradição brusquense.

Valorização da produção artística local, vinculando-se às atividades sociais e cotidianas: a música ainda não é uma profissão valorizada na cidade.

Desvalorização do patrimônio cultural e memória coletiva.



Parte III

proposta de projeto

“Assim como a cidade, a música também deve ser entendida como criação social, carregada de elementos simbólicos, criativos e identitários. [...] Mais que um local de mercado, propõe-se que a cidade seja compreendida como espaço aglutinador de forças culturais e criativas.” (DINIZ & MENDES, p.2)

1 Local de intervenção: lugar e memória

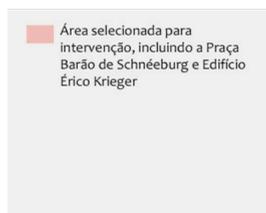
Lugar pode ser descrito como um espaço sob o qual foi criado um imaginário coletivo ou individual que sensibiliza os sentidos, a existência humana, gerando e sendo carregado de memória, que o confere sentido e significação. Mas se voltamos ao conceito de arte como um produto da busca humana por dar ao mundo esse significado, por hora é possível perceber a arte como um meio de criar lugares. Então o que seria o lugar se não um resultado de um espaço de expressão? É possível então ver o lugar como palco de fenômenos cotidianos e da concretização do espaço existencial.

Lynch (1982) descreve um bom lugar como

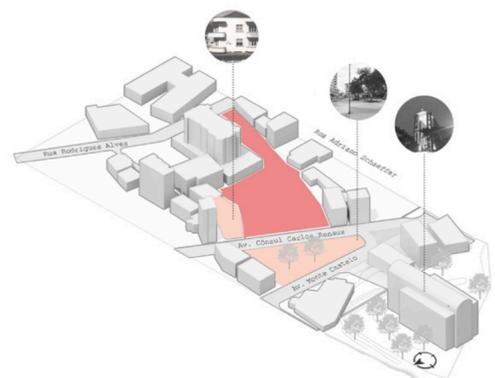
"aquele que, de um certo modo, apropriado a uma pessoa e à sua cultura, a torna consciente de sua comunidade, de seu passado, da trama da vida, e do universo de tempo e espaço na qual está contida" (LYNCH, 1982, p. 142 apud CASTELLO, 2007).

Para atingir essa qualidade, é necessário compreender o lugar não somente como objeto físico, mas como espaço de tensão, de conflitos de interesses e da expressão de diferenças, uma vez que a cidade é composta por camadas de construção histórica a partir de diferentes sujeitos que fizeram e fazem parte da sua evolução ao longo do tempo. É nessa parte que surge um duplo desafio: a busca por preservar - ou até recuperar - os diferentes imaginários atrelados ao local, mas também de aceitar a sua mutação através do tempo - entender o lugar como um *lugar geneticamente modificado* (CASTELLO, 2006)

O centro de Brusque sempre foi marcado pela forte atividade comercial. O desenvolvimento sobre as camadas históricas gerou vazios urbanos e prédios subutilizados, que refletem negativamente no uso dos espaços adjacentes, sem contar no uso quase exclusivo desse centro em horários comerciais e o esvaziamento noturno.



1. Igreja Matriz Católica
2. Antiga prefeitura, também já abrigou a Associação Artístico-Cultural de Brusque
3. Prédio que abrigou as primeiras sessões de cinema na cidade
4. Edifício Centenário
5. Cine Gracher
6. Localização estimada do antigo Bar Amarelo Vinte
7. Praça da Cidadania e Fundação Cultural de Brusque. Antigamente ali localizava-se o pavilhão da FIDEB - Feira Industrial de Brusque, que foi palco do movimento BQ80.
8. Praça Barão de Schnéeburg
9. Edifício Érico Krieger



Vista da praça ao edifício Érico Krieger. Dez. 2019. fonte: arquivo pessoal da autora



Edifício Érico Krieger Dec. 1950. fonte: Brusque Memória

Edifício Érico Krieger

Ligado à família Krieger, abrigou o antigo Conservatório de Música de Brusque, espaço de formação de muitos músicos na cidade e também ensino para crianças, através da iniciativa de Aldo Krieger, que também introduziu o ensino da música nas escolas de Brusque.

A praça Barão de Schnéeburg

Através do tempo sofreu diversas alterações, e recentemente passou por um processo de revitalização, o que aponta para a preocupação coletiva sobre esse espaço e sua importância para a cidade. Como mostrado anteriormente, ele historicamente ganhou grande importância para a dinâmica e vida social da cidade como um local de constante encontro e efervescência de práticas culturais.

2 Objetivos e conceitos

- Recuperar a vitalidade urbana através de resgate cultural, valorização do patrimônio cultural e memória coletiva;
- Recuperar o Edifício Érico Krieger, antigo Conservatório de Música, associando-o ao conjunto e fazendo com que retome sua antiga função musical;
- Estimular manifestações musicais, destacando o rock brusquense como movimento fluido e identitário na cidade, bem como suas relações com o espaço urbano;
- Apoiar bandas locais existentes e também incentivar a criação de novas formações instrumentais e artistas;
- Criar um espaço cultural que permita apresentações informais, tais como praças e auditórios ao ar livre, como resposta a uma busca pelos habitantes identificarem a imagem e dinâmica da cidade vinculada às atividades musicais, fortalecendo a relação público-artista e misturando públicos;
- Criar espaços de modo a propiciar encontros informais, improvisos, resistência e inventividade, além de expandir a abrangência das atividades musicais na cidade, com o fortalecimento do setor musical, fazendo com que a incubadora funcione em conjunto com a rede de espaços públicos e culturais da cidade;
- Criação de espaço expositivo para abrigar a exposição "BQ80: quando Brusque foi capital do rock no sul", funcionando como espaço de memória ao movimento;
- Criação de demais relações urbanas, históricas, visuais e paisagísticas.

ESPAÇO PÚBLICO
RELAÇÕES URBANAS
PRIORIZAR RELAÇÃO ARTISTA+PÚBLICO

CONVIDATIVO
GRAUS DE PRIVACIDADE
ESPAÇO ABERTO porém EDIFICADO
RESPEITO AO ENTORNO



3_Projetos referenciais

a. CIDADE CRIATIVA DA MÚSICA *Austin, EUA*

A cidade de Austin identifica-se sob o slogan de “capital da música ao vivo no mundo”. Isso porque ela conta com mais de 250 palcos espalhados pelo espaço urbano e também por sua tradição em promover eventos musicais. A música em Austin é um setor intensamente incluído nas políticas de desenvolvimento e aliadas ao governo, o qual percebe o potencial econômico e de desenvolvimento da atividade. Também existe uma organização de uma comissão musical que faz estudos sobre a cena musical local, de maneira a monitorar o funcionamento das atividades e diagnósticos de possíveis problemas para o desenvolvimento da cultura musical. (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2013).



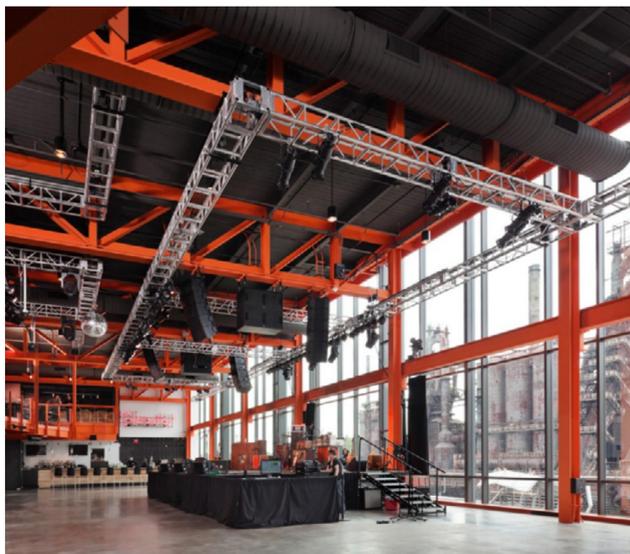
b. ARTAVE/CCM Music School *Aurora Arquitectos*

Esse projeto busca unir dois blocos preexistentes de forma vertical e horizontal, respeitando-os e ainda criando um espaço de convívio em um anfiteatro externo. A intervenção pretende destacar-se e respeitar a individualidade das preexistências, notando-se o cuidado projetual de descolá-la do bloco antigo, ao encaixar-se em uma conexão suave e tornar visualmente compreensível o que é novo e o que é pré-existente (ARCHDAILY, 2020).



c. The ArtsQuest Center at SteelStacks | Spillman Farmer

Ancorando o redesenvolvimento na base dos altos-fornos históricos de Bethlehem, Pensilvânia, está o ArtsQuest Center at SteelStacks. Trata-se de um edifício híbrido: parte espaço para apresentações, local de exposições, cinema de arte, centro de educação e marco cultural. Seu programa inclui lugares para apresentações musicais ao vivo, um cinema e uma série de apresentações multifuncionais e locais comunitários. O edifício desempenha um papel fundamental na criação de um espaço público vibrante no centro urbano, hospedando mais de 300 apresentações ao vivo por ano, exibições diárias de cinema de arte, concertos internos e externos e festivais de arte. Sua arquitetura e linguagem leva em consideração a história e características industriais do seu local de implantação, respeitando e integrando-as aos espaços (ARCHDAILY, 2020).

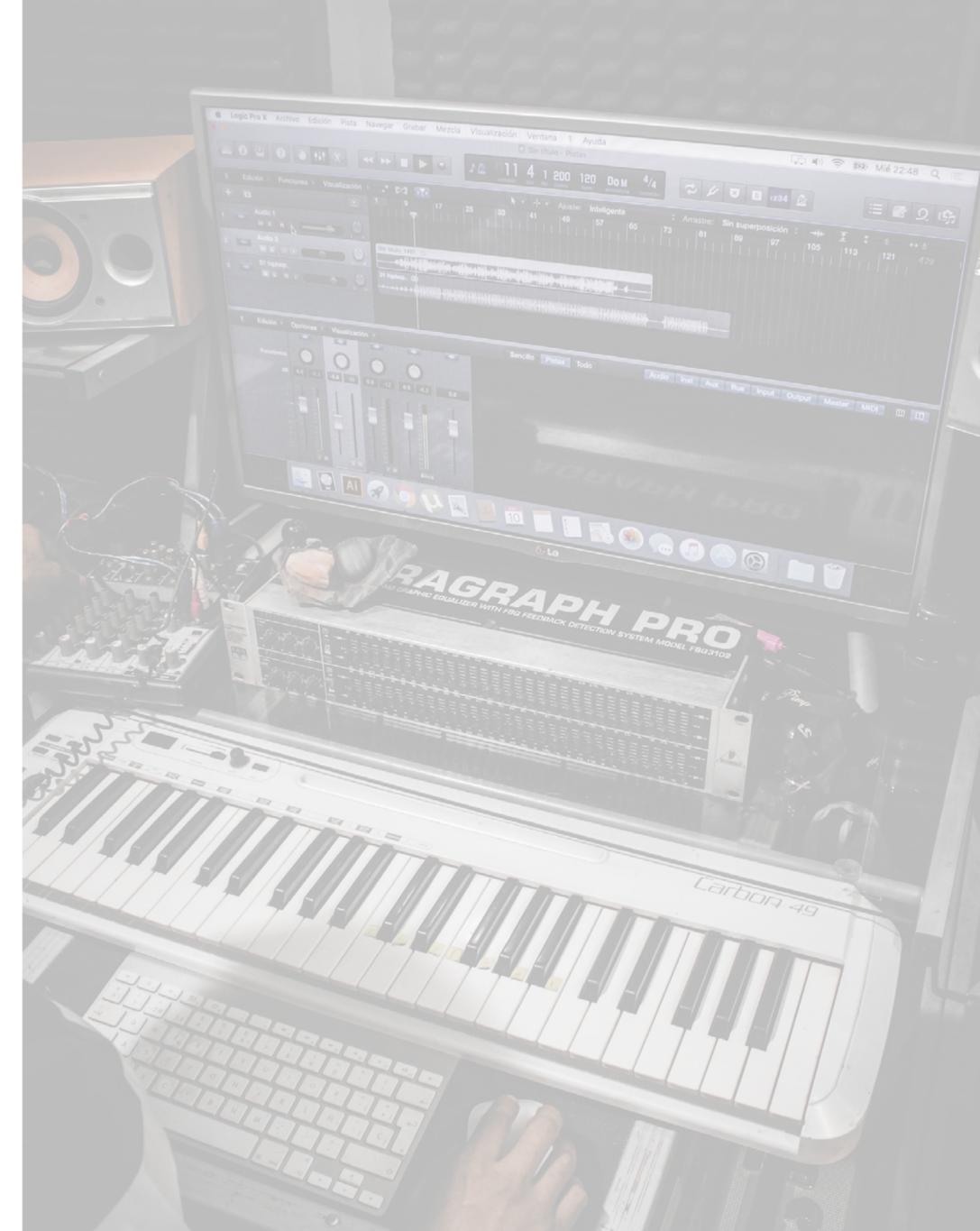


4_Incubação musical: como funciona?



O objetivo de uma Incubadora Musical é encontrar, lapidar e promover o talento musical através do incentivo às produções locais e qualificação de profissionais da área até que atinjam sua autossuficiência. Com isso, mescla as etapas de produção musical (composição, pré-produção, gravação, mixagem, masterização e distribuição), promove apoio de carreira aos artistas e presta assessoria contábil e jurídica, além de criar uma relação de coletividade entre os artistas incubados.

O edifício proposto busca integrar setores e facilitar/permitir a inclusão de pequenos produtores ou produtoras/gravadoras independentes no formato coworking e em espaços compartilhados e integrados à cidade. Não obstante, o edifício se insere em uma rede pré-existente e espaços públicos e culturais que auxiliam na difusão musical, servindo como apoio e incentivo à música autoral brusquense.



5 Memorial e Incubadora da Música Popular Independente de Brusque

A proposta se insere em um centro urbano consolidado, também centro fundacional, unindo algumas das poucas áreas remanescentes que atualmente são utilizadas como estacionamento. A área final dessa união conecta quadras e também duas áreas públicas importantes, além de muitos equipamentos culturais e pontos de memória, conforme mostrado no mapa da seção 1 desse capítulo (p.17).

O edifício se compõe de dois blocos, o antigo Conservatório de Música de Brusque (Edifício Érico Krieger), em estilo Art Decó, e a nova edificação, que se insere de forma gradual e fantasmagórica, delimitando espaços com diferentes graus de apropriação e incitando uma relação de contraste e complementação entre antigo e novo através de um uso compatível e relacionado ao lugar, o que corresponde à proposta conceitual do projeto. A nova edificação conectada ao antigo Conservatório por um sistema de rampas a partir de abertura oportuna existente prioriza as relações visuais do interior com a cidade e vice-versa. Essa costura cria um respiro, um percurso e uma união mais suave, de forma a respeitar a pré-existência, mas gerar uma equivalência de importância entre antigo e novo e uma união conceitual entre a música clássica e popular. A elevação do solo se dá para manter a conexão visual entre os diferentes pontos do terreno e cidade, gerar uma área multiuso coberta e também conformar uma praça sem interrupções, que continua para o subsolo, o qual representa o mundo *underground* da música brusquense.



Área de intervenção
Vias de acesso



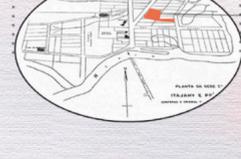
Áreas verdes e públicas de lazer



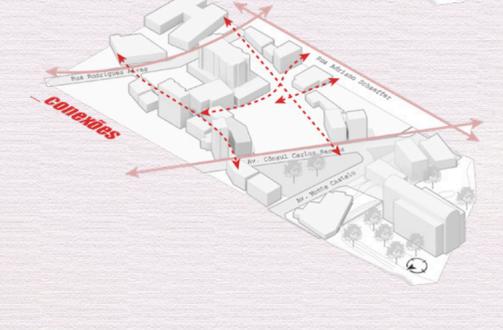
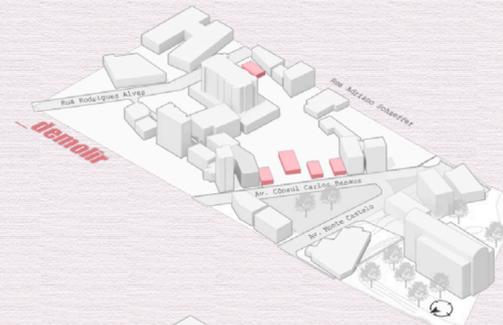
Cheios e vazios



Vista aérea (atual)



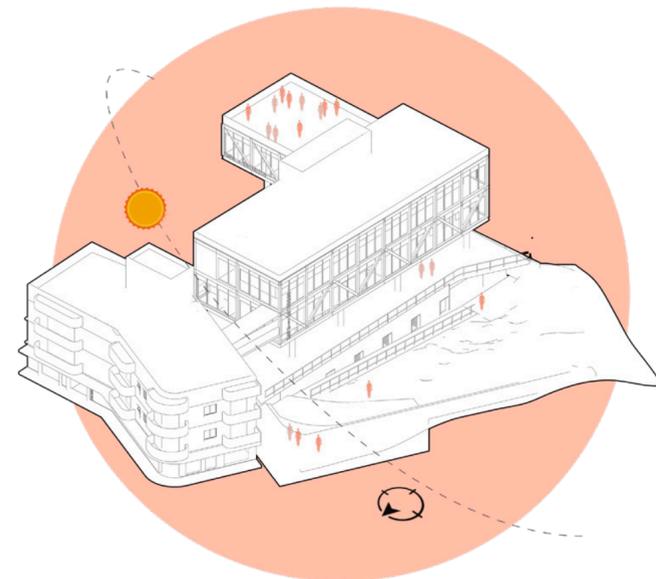
Área de intervenção
Planta da Sede das Colônias (Centro fundacional)



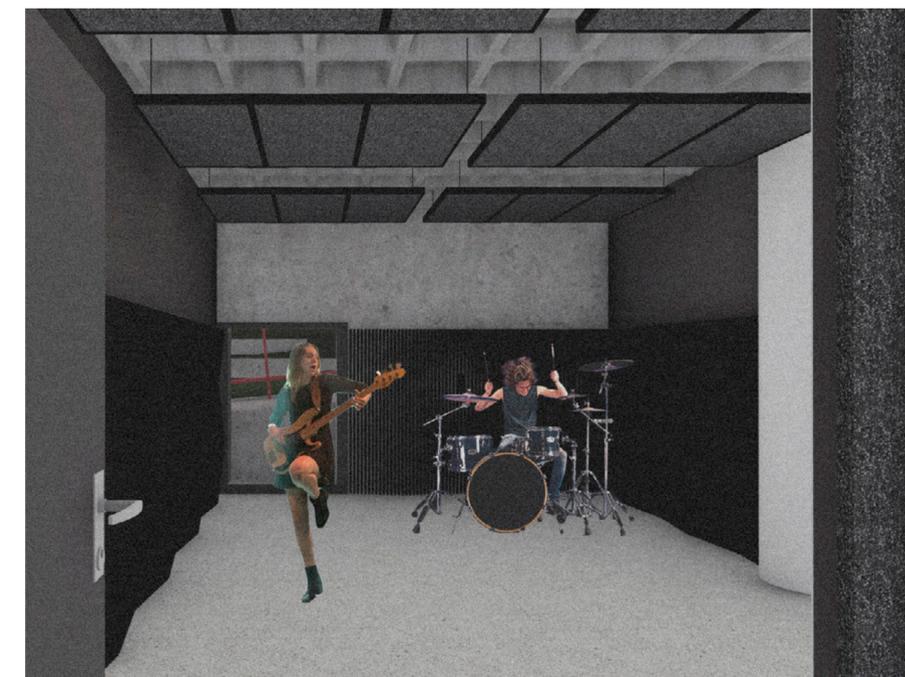
_0 Partido

A inserção do bloco novo foi condicionada pelo encaixe com o antigo Conservatório, mas também leva em conta a orientação e relações espaciais com a cidade, através do uso de eixos existentes e novas apropriações propostas em uma diversidade de usos e escalas. Tais relações, enquadramentos e percursos ocorrem entre os dois blocos, entre os ambientes e a paisagem e entre os ambientes e a Praça Barão de Schnéeburg. Além disso, a inserção no centro do terreno subdivide o térreo em dois, criando uma praça interna mais privativa e uma diretamente ligada à cidade que tem como função convidá-la ao subsolo em um processo de gradação. Esse partido arquitetônico também faz com que essas duas subpraças recebam sol, uma em cada parte do dia: a mais interna recebe mais o sol da manhã, tendo mais piso e áreas de permanência, e a outra recebe mais o sol da tarde, o que culminou em um ambiente mais verde e de transição. Esse posicionamento também permite boa incidência solar em todos os ambientes do novo bloco, sendo a radiação excessiva controlada através de uma pele/trama metálica.

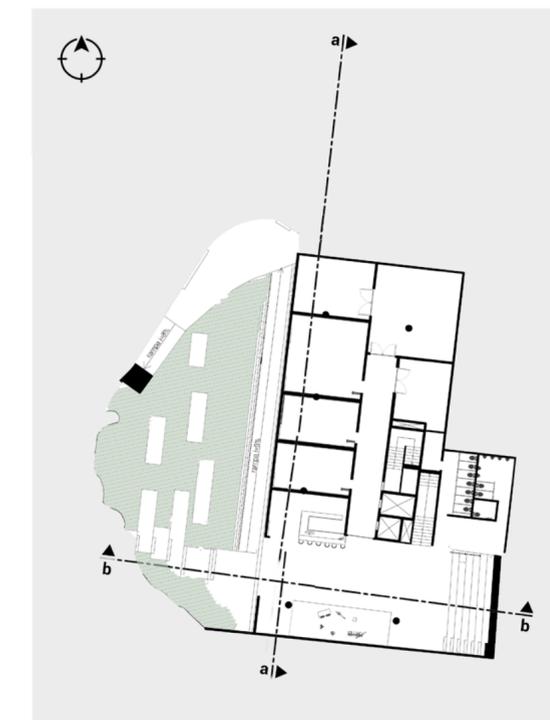
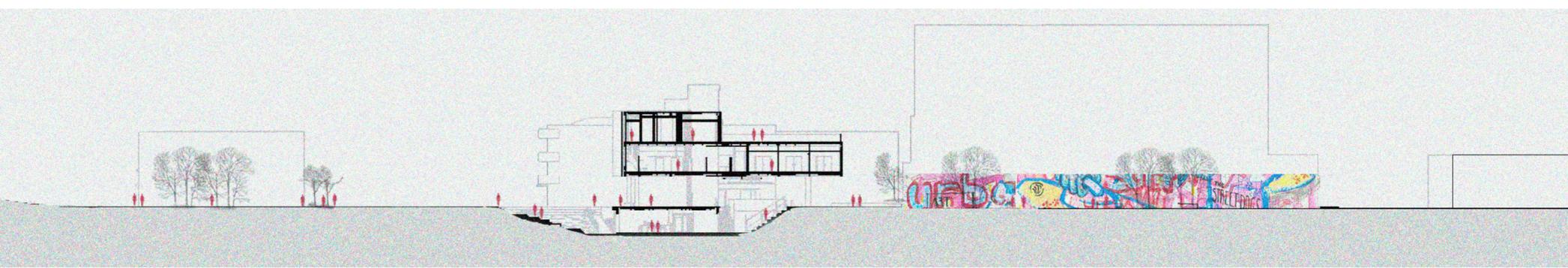
A translucidez também se intensifica à noite, revelando ainda mais seus espaços internos e seu uso em horários alternativos, o que cria também maior relação de segurança.



Cena 01: rampa interna em percurso do Edifício Érico Krieger até a área de exposição do BQ80

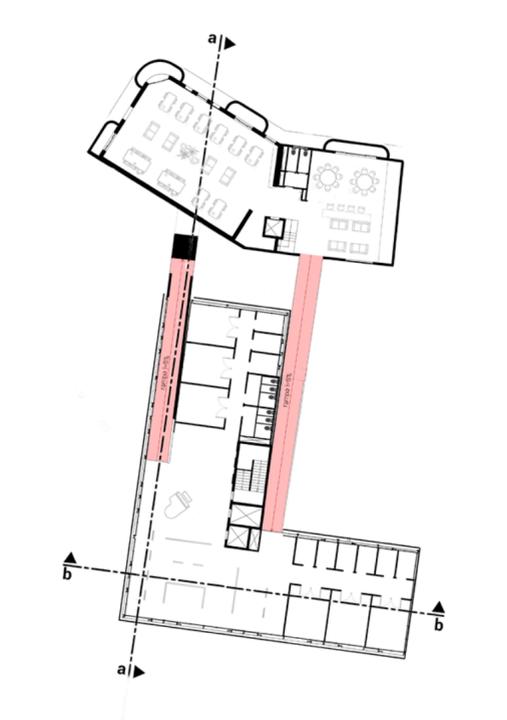


Cena 02: sala de ensaio no subsolo, com conexão visual para a Praça Barão de Schnéeburg e fluxo de pessoas no exterior



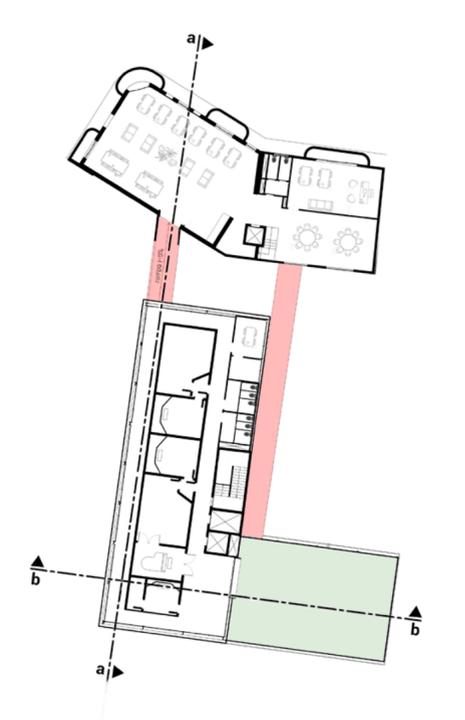
SS

A praça funciona como zona de transição e convida o usuário a adentrar o subsolo e o mundo underground. O grande hall com o bar e arquibancada é totalmente aberto, tendo a entrada controlada apenas para as salas de ensaio e áreas técnicas/depósitos de equipamentos. Pensado como local de convívio e descontração entre artistas nos processos de ensaio e também encontro com o público geral em apresentações mais íntimas e não institucionalizadas.



01 pav

As rampas criam um grande percurso conectando antigo e novo. É nesse coração do edifício que se localiza a área de exposição principal que abriga o acervo da exposição "BQ80: quando Brusque foi capital do rock no Sul". Como pavimento intermediário tem um caráter flexível e que serve como espaço de apoio às demais funcionalidades do edifício em caráter de área de convecções e workshops, onde as salas são flexíveis, podendo se moldar em salas maiores unindo mais de uma. Também aloca espaços menores para ensaios ou práticas individuais.



02 pav

Local de maior controle sonoro e de concentração, o último pavimento abriga os estúdios de produção fonográfica e salas de podcasts. Para não quebrar a translucidez e conexão visual com paredes totalmente opacas (por conta da necessidade de isolamento acústico), os estúdios foram posicionados em um núcleo central, permitindo um percurso em torno dele em uma segunda área de exposição, onde o percurso une a exposição e contemplação da paisagem do centro fundacional, terminando no terraço panorâmico com vista para o Rio Itajaí-Mirim, onde chegaram os primeiros imigrantes.

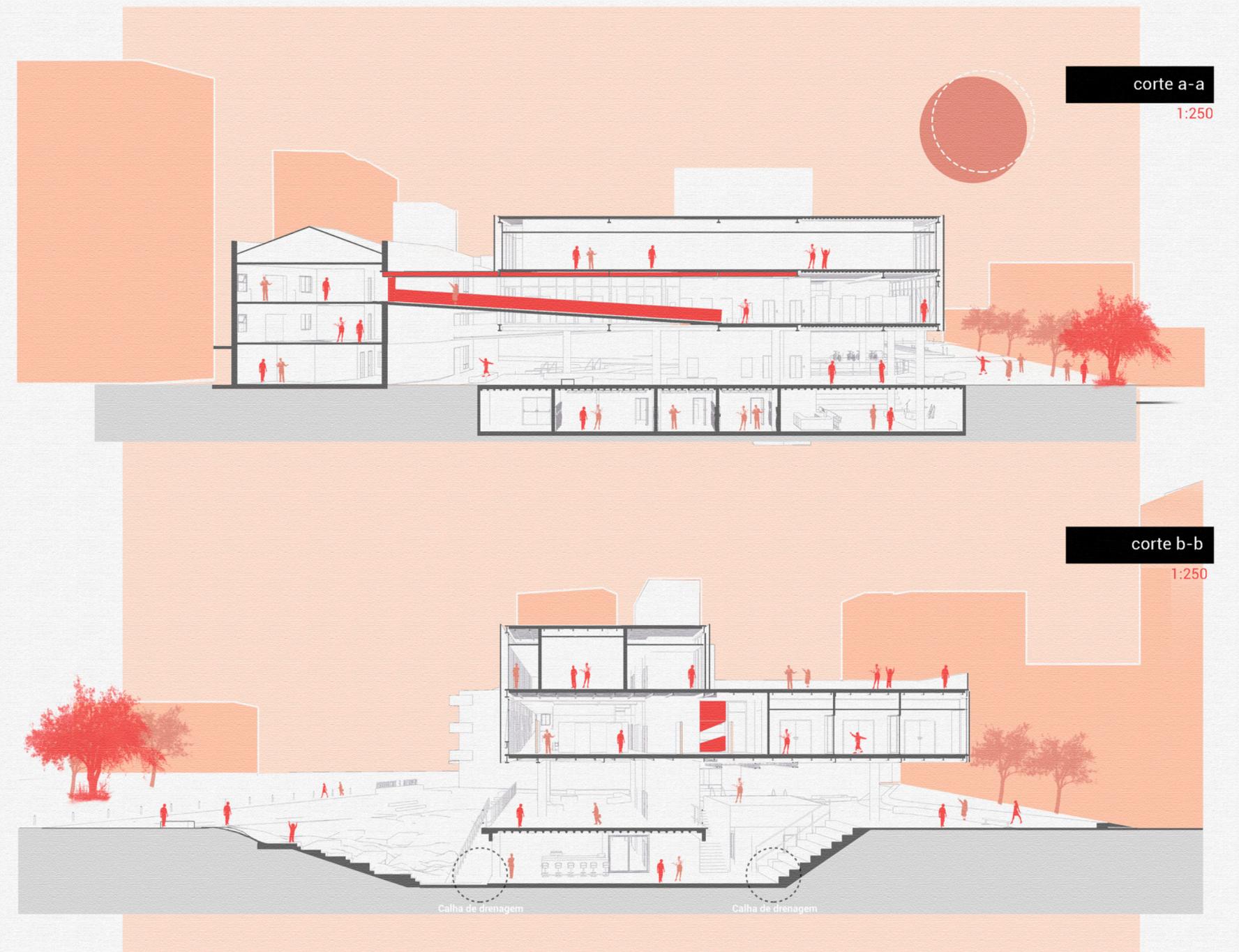
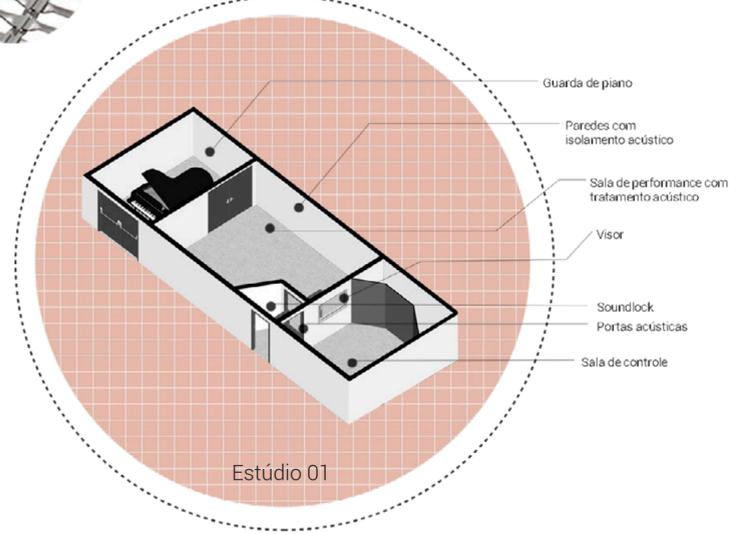
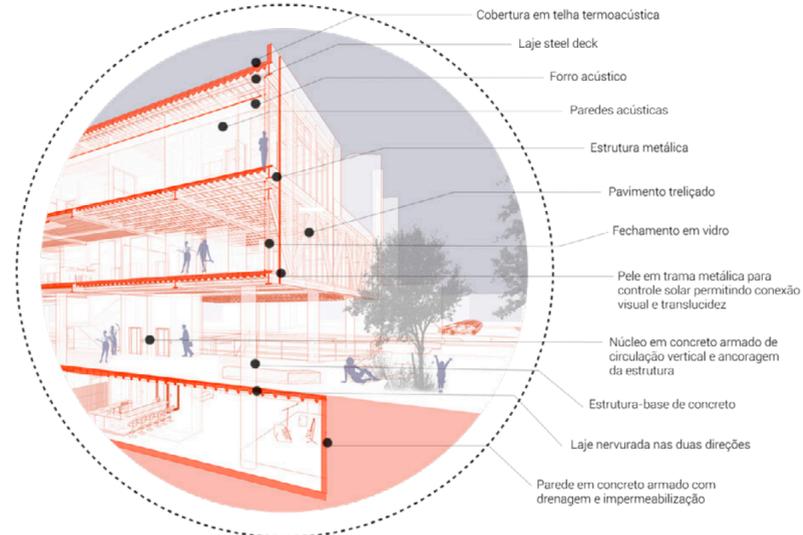
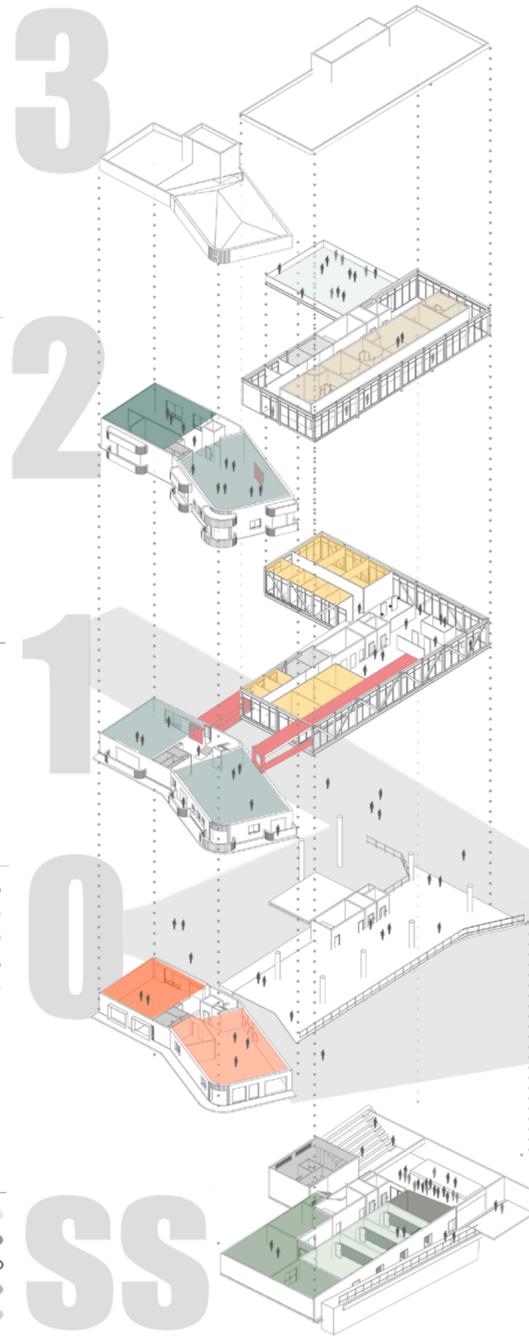
_0 Programa

- Estúdios de gravação ●
- Terraço panorâmico ●
- Área de exposição ○
- Escritório administrativo ●
- Coworking produção cultural e triagem de projetos ●
- Banheiros ●

- Salas flexíveis para workshops e convenções ●
- Área de exposição ○
- Coworking produção fonográfica ●
- Rampas de conexão ●
- Banheiros ●

- Espaço coberto multiuso ○
- Loja de música e merchandising de artistas ●
- Café ●
- Banheiros ●
- Praça ●

- Salas de ensaio ●
- Bar ●
- Convivência e pequenas apresentações ○
- Área técnica e depósitos ●
- Banheiro público ●



_Uso e apropriação

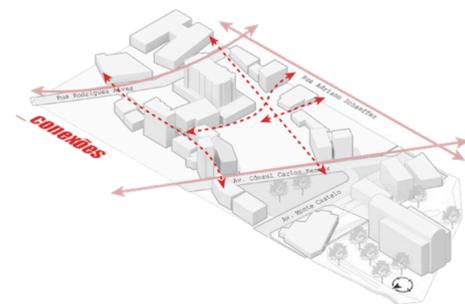
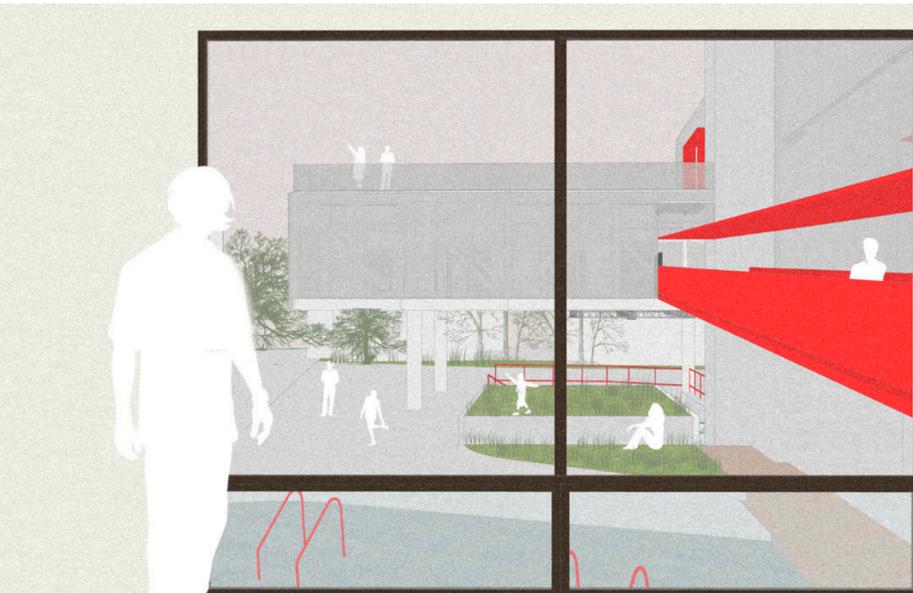


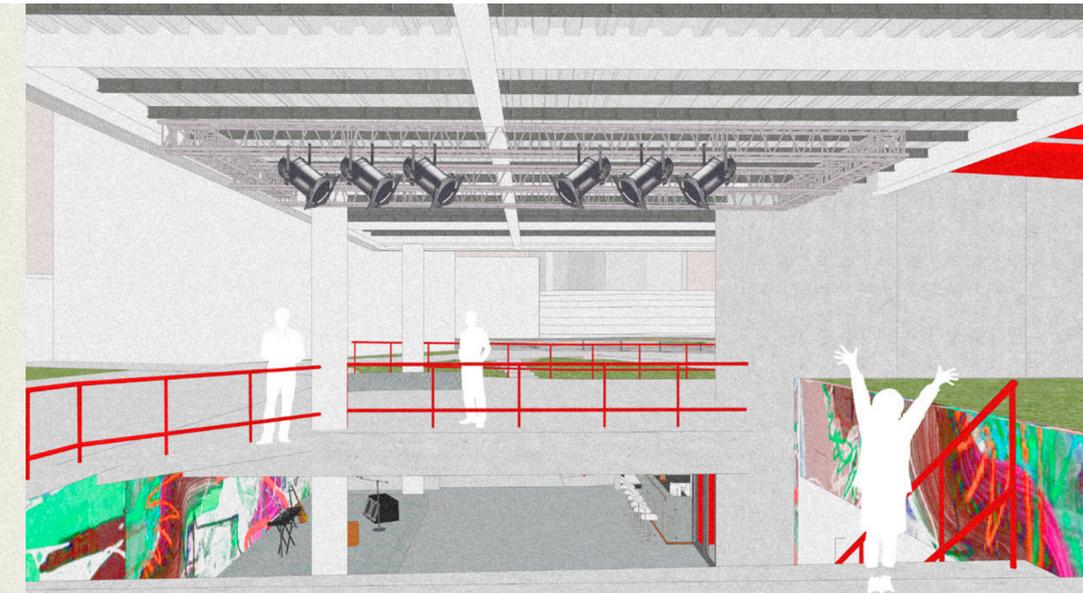
Foto: cena 03 atualmente (2020)
fonte: arquivo pessoal



Cena 03: percurso da rua Rodrigues Alves em direção à Praça Barão de Schneéburg, enquadrando a Igreja Matriz



Cena 04: vista do interior do Edifício Érico Krieger para a praça e uma das rampas de acesso ao bloco novo



Cena 05: arquibancada coberta, com acesso ao subsolo e estrutura para iluminação e sonorização de pequenas apresentações

ENTREVISTAS

Luiz Deschamps
Carmelo Krieger

ARTISTAS COLABORADORES

Black Burning Seas
Eletric Dust
Etílicos e Sedentos
Galáxia
Lost Pines
Lucas Bruns
Morenas Azuis
Mosaico Híbrido
Os Dalits
POSH
Pulsação
Ruínas de Sade
Stáll The Örange
Southern
1Plugged

SITES

ARCHDAILY. **Artave Music School Aurora Architectos**. Disponível em: https://www.archdaily.com/942656/artave-ccm-music-school-aurora-arquitectos?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user. Acesso em: 07 dez. 2020.

ARCHDAILY. **The Bethlehem Steel Corporation Spillman Farmer Architects**. https://www.archdaily.com/170936/the-bethlehem-steel-corporation-spillman-farmer-architects?ad_medium=gallery. Acesso em: 07 dez. 2020.

MAIA, Eduardo. **Austin, a capital do Texas e da música ao vivo**. Jornal O Globo, 15 de janeiro de 2014. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/boa-viagem/austin-capital-do-texas-da-musica-ao-vivo-11311412>> Acesso em: 03 fev. 2020.

UNESCO. **Creative cities**. Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/content/about-us>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

UNESCO. **Objetivos de desenvolvimento sustentável para a cultura na agenda 2030**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/2030-agenda-for-sustainable-development/unesco-and-sustainable-development-goals/sustainable-development-goals-for-culture-on-the-2030-agenda/>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BONAMENTE, Jorge Luis. **Planejamento urbano e industrialização: uma abordagem inicial ao caso brusquense**. Artigo disponível em <<https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/533/299>> Acesso em 29 Jan 2020.

BRESCIANI, Stella. **Imagens da Cidade: séculos XIX e XX**. 1 ed. São Paulo: Marco Zero, 1994. 190p.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. In: Cadernos PPGAU/UFBA. Ano 6, número especial, 2008, p. 79-86. Salvador: PPGAU/UFBA, 2008.

BUENO, Sinésio; SANITÁ, Karina. **A relação entre arte e sociedade à luz do conceito de autonomia estética de Adorno**. Ed. especial v.39. Marília: Trans/Form/Ação, 2016. p.155-172, 2016.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. Invisíveis Produções. Disponível em: <https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/arte_para_uma_cidade_sensivel_ebook/> Acesso em: 01 dez 2019.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar - repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo**. 1 ed. Porto Alegre: PROPAR UFRGS, 2007. 303 p.

CASTELLO, Lineu. **Lugares geneticamente modificados**. 2006. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revis-ta_9/9_Lineu%20Castello.pdf> Acesso em 21 out 2019.

CERTEAU, Michel De. **Práticas de espaço**. In: A invenção do Cotidiano. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Austin, Texas: capital da música ao vivo intensamente independente**. Cidades Americanas. Agosto, 2013. Disponível em <https://static.america.gov/uploads/sites/8/2016/04/US-Cities-Series_Austin-Texas_Portuguese_508.pdf> Acesso em: 3 fev. 2020.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. 254 p.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. São Paulo: Record, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011. 102 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 5. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1992. p.187-326.

KRIEGER, Aldo. **História da Música em Brusque**. In: Álbum do Centenário de Brusque. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

MAFFESOLI, Michel. **O retorno das emoções sociais**. In: Metamorfoses da cultura contemporânea. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. p.27-39.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio da individualidade nas sociedades de massa**. Apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. **Novas epistemologias para o urbanismo contemporâneo**. Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014, p. 211-225.

MUGGIATI, Roberto. **Rock, o grito e o mito - a música pop como forma de comunicação e contracultura**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973. 121 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 1ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002. 393 p.

SAHÃO, Bruna Priscinotti. **Aspectos sociais da arte na sociedade capitalista: uma reflexão sobre a função social da arte nas relações humanas**. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: USP, 2014.

SANTOS, Milton. **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

